

## A (A)TEMPORALIDADE EM FUNCIONAMENTO DE DISCURSOS EM/NA REDE *TWITTER*

Lucimara Cristina de Castro\*

**RESUMO:** *Atrair a atenção na rede social Twitter, em meio à infinidade de publicações de tantos perfis, é um desafio, principalmente por se tratar de um lugar em que os sujeitos possuem a “ilusão” de poder dizer tudo. Pensar o Twitter discursivamente requer considerar a circulação “imediate” dos acontecimentos que põe em movimento em uma dinâmica (a)temporal, sujeitos e sentidos. Partindo disso, a questão que nos inquieta nesse escrito é de que maneira funciona a (a)temporalidade na circulação de dizeres do/no Twitter, em especial, em tweets acerca da Reforma do Ensino Médio, e quais efeitos provocam, conforme são postos em movimento. Fundamentada pelo pressuposto teórico-analítico da Análise de Discurso (AD) francesa, especialmente, pelas formulações de Michel Pêcheux, objetivamos observar como se dá o funcionamento (a)temporal na/da rede Twitter, em dois tweets sobre a Reforma do Ensino Médio, analisando os efeitos que produzem. A viralização de dizeres no Twitter produz materialidades significativas e processos discursivos que, face ao digital, firmam-se constituindo diferentes sujeitos, que enunciam de lugares variados, pela tomada de posição. Esse entrelaçamento “sujeito-discurso-Twitter” provoca-nos a compreender sobre o modo pelo qual, na rede, um discurso determinado por um lugar e tempo histórico-ideologicamente situados, encontra-se na relação com outros, produzindo sentidos diversos.*

**ABSTRACT:** *Attracting attention on the Twitter social network, amidst the plethora of publications from so many profiles, is a challenge, mainly because it is a place where subjects have the “illusion” of being able to say everything. Thinking discursively about Twitter requires considering the “immediate” circulation of events that it sets in motion in an (a)temporal dynamic, subjects and meanings. Based on this, the question that concerns us in this writing is how (a)temporality works in the circulation of sayings on/on Twitter, in particular, in tweets about the High School Reform, and what effects they cause, as they are put into question. movement. Based on the theoretical-analytical assumption of the French Discourse Analysis (DA), especially by Michel Pêcheux's formulations, we aim to observe how the (a)temporal functioning of the Twitter network takes place, in two tweets about the High School Reform, analyzing the effects they produce. The virality of sayings on Twitter produces significant materialities and discursive processes that, in the face of digital, establish themselves constituting different subjects, who enunciate from different places, by taking a position. This “subject-discourse-Twitter” interweaving provokes us to understand the way in which, on the network, a discourse determined by a historically-ideologically situated place and time, is found in relation to others, producing different meanings.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Twitter. (a)temporalidade. Análise de Discurso. Reforma do Ensino Médio*

**KEYWORDS:** *Twitter. (a) temporality. Discourse Analysis. High School Reform*

### INTRODUÇÃO

Compreender a (a-)temporalidade do/no *Twitter* requer pensar além da complexa teia social que envolve a troca de mensagens de 140 caracteres, uma vez que a rede reflete,

por meio de seu funcionamento, o emaranhado de relações que os usuários do século XXI estabelecem com o tempo.

Pensar o *Twitter* requer considerar o seu funcionamento: espaço em que há uma proliferação intensa de dizeres, contribuindo para que um determinado assunto atinja o ápice de *tweets* por determinadas horas e, logo depois, seja sobreposto por outros assuntos. Atrair a atenção na rede social *Twitter*, em meio à infinidade de postagens instantâneas de tantos perfis, é um desafio, principalmente por se tratar de um lugar em que os sujeitos possuem a “ilusão” de poder dizer tudo, sobre tudo.

Discursivamente, é mais do que um espaço social digital em que os sujeitos se relacionam. Compreendemos o *Twitter* como um espaço em que as postagens extrapolam a disseminação informacional, de armazenamento em uma memória da máquina, instaurando um funcionamento discursivo que permite aos sentidos derivar para outros lugares, abrindo para sentidos outros, pelo trabalho da memória digital.

Assim, pensar o *Twitter* discursivamente requer considerar a circulação “imediata” dos acontecimentos que põe em movimento em uma dinâmica (a)temporal, sujeitos e sentidos. Partindo desses pressupostos, a questão que nos inquieta nesse escrito é de que maneira funciona a (a)temporalidade na circulação de dizeres do/no *Twitter*, em especial, em dois *tweets* acerca da Reforma do Ensino Médio, e quais efeitos provocam, conforme são postos em movimento.

Desse modo, fundamentada pelo pressuposto teórico-analítico da Análise de Discurso (AD) francesa, especialmente pelas formulações de Michel Pêcheux, objetivamos observar como se dá o funcionamento (a)temporal na/da rede *Twitter*, em *tweets* sobre a Reforma do Ensino Médio, analisando os efeitos que produzem.

A viralização de dizeres no *Twitter* produz materialidades significativas e processos discursivos que, face ao digital, firmam-se constituindo diferentes sujeitos, que enunciam de lugares variados, pela tomada de posição. Esse entrelaçamento “sujeito-discurso-*Twitter*” provoca-nos a compreender sobre o modo pelo qual, na rede, um discurso determinado por um lugar e tempo histórico-ideologicamente situados, encontra-se na relação com outros, produzindo sentidos diversos.

## 1. UMA QUESTÃO DE TEMPO

Nas considerações de Ruiz, (2002) as expressões dos sujeitos são padronizadas e (hiper-)ligadas em um hipertexto eletrônico global, que modifica substancialmente as formas sociais de espaço e tempo: do espaço dos lugares ao espaço dos fluxos, do tempo marcado pelo relógio ao tempo intemporal das redes.

Isso implica considerar que todos os usuários que acessam o *Twitter* diariamente estão interligados às redes de compartilhamento de “informações” que envolvem outros determinantes relacionados ao Capital Social<sup>1</sup>, como popularidade, visibilidade, reputação e conhecimento (ZAGO, 2009). São redes que, de certa forma, representam uma temporalidade específica.

Ribeiro<sup>2</sup> (2002, p. 24) organiza, em seu artigo “Finitude, mutações e gozo”, uma classificação de diferentes tipos de temporalidade: *Tempo histórico*, no qual o percurso é projetado de forma linearmente progressiva, podendo haver existência de fases e períodos recorrentes; *Tempo cronológico*, é aquele que regula a nossa existência cotidiana, considerado o tempo socializado ou público; *Tempo físico*, que “pode ser entendido como a medida do movimento, como a expressão de relação entre anterior e posterior e, ainda, como o próprio processo das mutações, que independe da consciência do sujeito”.

O *Tempo psicológico*, segundo a autora, é subjetivo e qualitativo, perdendo as relações diretas com as medidas de tempo por variar de acordo com o sujeito, que “sujeita-se apenas ao registro de momentos imprecisos, que se aproximam ou tendem a fundir-se, numa organização determinada por sentimentos e lembranças, que definem ‘intervalos heterogêneos incomparáveis’” (RIBEIRO, 2002, p. 24).

Considerando as palavras de Ribeiro (2002), observa-se, no *Twitter*, um imbricamento (a-)temporal em seu funcionamento, construindo uma “narrativa” marcada por tempos diversos. Em todos os *tweets*, o tempo cronológico é marcado pelo horário e data da postagem, organizando-os em um tempo físico na *timeline*<sup>3</sup> - antes e depois - a partir do tempo cronológico. O que o sujeito da rede *tweeta*, *retweeta*, responde ou curte, se materializa na *timeline* do usuário organizada pelo tempo cronológico.

A relação temporal do agora produzida pela rede aponta para a emergência de um tempo social dominante. A insistência no presente é conciliada tanto pela proposta da ferramenta, caracterizada pela pergunta “O que está acontecendo?”, como por sua característica de mobilidade: a plasticidade de acessar “informações” inscritas em uma (a-)temporalidade que, aparentemente, “nunca” serão apagadas/deletadas.

---

<sup>1</sup>O capital inicial é um dos itens analisados nas redes sociais, por diversas áreas do conhecimento. Segundo Araújo (2003, p. 10), a noção de capital social expressa, basicamente, a capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoais e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos.

<sup>2</sup>Etnopsicóloga. Doutora em Psicologia e em Antropologia da África Negra (Universidade de São Paulo-USP). Pesquisadora da Universidade Paulista - UNIP e Profa. Senior da USP.

<sup>3</sup>Ao entrar no *Twitter*, o sujeito vê a *timeline* de sua Página Inicial, que exhibe um fluxo de *tweets* das contas que ele optou por seguir. O sujeito pode ver o conteúdo sugerido, ativado por uma variedade de sinais, além de responder, *retweetar* ou curtir um *Tweet* diretamente da *timeline*. Disponível em: <https://help.twitter.com/pt/using-twitter/twitter-timeline>. Acesso em: 27 abr. 2019.

Couchot (2007), em seu artigo *Reinventar o tempo na era do digital*, diz que a existência de novas técnicas de comunicação digital está mudando as relações entre os sujeitos com o tempo e, por conseguinte, a própria “cultura”. O autor fala da existência de um tempo que designa de ucrônico, que seria um tempo não pertencente a nenhum lugar próprio e que se estende a várias dimensões e leis de associações.

O tempo u-crônico é o homólogo do espaço virtual no qual está mergulhado o operador, o espaço u-tópico - este espaço sintetizado matematicamente, que não pertence a nenhum lugar próprio, que se estende em todas as dimensões, que obedece a todas as leis possíveis de associação, de deslocamento, de translação, de projeção e que pode simular todas as topologias concebíveis. O tempo ucrônico não é um tempo ‘imaginário’ como aquele da evocação da memória ou como o do sonho, mesmo que o sonho provoque frequentemente uma forte impressão de realidade. É um tempo em potência, mas que se atualiza durante a interação em instantes, durações, simultaneidades singulares; um tempo não linear que se expande ou se contrai em inúmeros encadeamentos ou bifurcações de causas e de efeitos. Sem fim nem origem, o tempo ucrônico se libera de qualquer orientação particular, qualquer presente, passado ou futuro, inscritos no tempo do mundo (COUCHOT, 2007, p. 2-3).

Assim, os processos imaginários de interação entre os *twitteiros* criam uma relação temporal importante: “tudo se passa como se a rapidez da interação colaborativa entre os internautas e o *site* ocorresse como um fator de autenticação das informações: verdadeiro porque rápido”. Os dizeres, na rede, são legitimados, além da autoridade do dizer (BOURDIEU, 1996)<sup>4</sup>, pela posição ocupada pelo sujeito que enuncia e pela rapidez pela qual *tweets* circulam, criando para os usuários, um efeito de verdade produzido pela linearização dos discursos em tempo real.

O funcionamento (a-)temporal do *Twitter*, por sua vez, acaba se tornando um relógio social: o sujeito que se inscreve nesse espaço se vê em uma busca pela velocidade não apenas por mera vontade, mas por uma realidade que lhe é “imposta”, mais ou menos violentamente, pela técnica (COUCHOT, 2007). O sujeito, dessa forma, se vê mergulhado em uma temporalidade prisioneira do presente em que só o aqui e o agora importam.

Na esteira discursiva, não se trata de circulação de informações, mas de discursos na/em rede que, por sua vez, produzem e colocam em movimento uma infinidade de sentidos

---

<sup>4</sup> De acordo com o que propõe Bourdieu, o discurso de autoridade precisa ser reconhecido como tal para que possa exercer seu efeito e ser tido como legítimo, e, essa legitimação se dá, na maioria das vezes, devido ao lugar institucionalizado no qual o sujeito de autoridade se inscreve e enuncia. Dessa forma, os enunciados de um padre em uma missa, por exemplo, só são reconhecidos como legítimos porque ele está autorizado a dizer devido ao lugar legalmente institucionalizado que ocupa, “conhecido e reconhecido por sua habilidade” (BOURDIEU, 1996, p. 91) e pelo ritual que se estabelece diante daqueles que os reconhecem como legítimos. Daí, segundo o autor, “a definição completa da competência como direito à palavra, isto é, à linguagem legítima como linguagem autorizada, como linguagem de autoridade” (BOURDIEU, 1996, p. 161).

*on-line* e *off-line*. Orlandi (2012b), enfatiza a existência de três momentos no processo de produção de sentidos: a) a *constituição*, a qual funciona a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo; b) a *formulação*, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas; c) a *circulação*, que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições (ORLANDI, 2012b).

A instância da constituição pertence à dimensão vertical (ou interdiscursiva), enquanto a formulação é representada por um eixo horizontal (ou intradiscursivo). O eixo da constituição organiza a repetição e também provoca o apagamento/esquecimento. É a constituição que determina a formulação, pois, de acordo com Orlandi (2012b, p. 11, grifos da autora), “[...] todo dizer (intradiscurso, dimensão horizontal, formulação) se faz num ponto em que (se) atravessa o (do) interdiscurso (memória, discurso vertical estratificada, constituição)”. Segundo a autora, “é na formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (se esconde)” (ORLANDI, 2012b, p. 9).

A circulação, para a pesquisadora, corresponde ao trajeto dos dizeres, ao lugar no qual são como se mostram. Embora esses três processos sejam bastante significativos para a AD, refletir acerca da circulação do/no *Twitter* é o que nos inquieta nesse momento. Ao nosso olhar, discursivamente, esse espaço é mais do que um lugar de circulação de discursos e pelo qual os sujeitos se conectam.

Partimos do pressuposto de que nesse espaço discursivo, as postagens ultrapassam a “interação informacional”, conforme preceituam as teorias da comunicação. Trata-se de um lugar em que os discursos circulam, entrelaçando a memória da máquina, que permite a viralização e a regularização de sentidos, e a memória discursiva, pela qual os discursos são repetidos e atualizados, entrecruzando passado e presente.

Esse movimento na/em rede provoca um movimento (a-)temporal de sentidos. Ao se inscrever no *Twitter* e fazer uso desse espaço, o sujeito *twitteiro* deixa rastros, vestígios, que permitem compreender a sua inscrição em uma ou outra FD.

A opacidade é um fator inerente à linguagem e as palavras são sempre passíveis de serem ressignificadas, já que não há um sentido literal, já que “têm suas fronteiras flexíveis e porosas, são passíveis de jogo e inscrevem-se de modo sempre imprevisível dependendo das condições históricas e das posições-sujeito” (MOREIRA; ROMÃO, 2009, p. 10).

No processo de produção de sentidos na rede digital, as condições de produção e o modo pelo qual os discursos circulam são constitutivos para compreendê-los. Para Dias (2018, p. 33), “o que sustenta a formulação dos dizeres no digital é a sua circulação”. Assim, a circulação de discursos no *Twitter*, não é apenas sinônimo de movimento, mas parte fundamental que faz com que discursos viralizem na teia do *microblog*, colaborando para

reforçar certos sentidos, seja sedimentando o mesmo ou provocando deslizamentos, rupturas, silenciamentos. Nas palavras de Pêcheux (1981, p. 18):

‘Isso circula’, como adquirimos o hábito de dizer, fazendo dessa circulação a imagem positiva de nossa modernidade discursiva liberada, ou ao contrário, a falsa moeda das línguas de vento: os turbilhões esfumaçados do ‘não importa o que’ destinados a chamar a atenção, desviando-a dos ‘problemas reais’. Não seria tempo de destituir essa imagem duplamente satisfatória da circulação, assumindo o fato de que as circulações discursivas não são jamais ‘não importa o que’?<sup>5</sup>

Sendo assim, o que faz um *tweet* significar de dada maneira e não de outra não é apenas a atualização de já-ditos, pelo trabalho da memória discursiva, no eixo da formulação, mas a própria circulação que traça (per-)cursos, “expondo” a materialidade linguística ao jogo, ao equívoco, tendo em vista ser afetada pela história e pelo modo de circular da própria rede.

A circulação dos discursos no *Twitter*, dessa forma, encontra-se em constante relação com a (a-)temporalidade, pois esse *microblog* apresenta como característica a particularidade de colocar em circulação dizeres curtos, desenhados pela rápida troca de formulações que a todo momento são (re-)atualizadas e acessadas por meio de diferentes suportes e dispositivos tecnológicos.

Dessa maneira, “a afirmação de que o que sustenta a formulação dos dizeres no digital é a própria circulação, se refere a esse aqui e agora da própria circulação que, no digital não se separa da circunstância da enunciação” (DIAS, 2018, p. 34). As formas de circulação de materialidades discursivas no *Twitter* se moldam em cada *retweet*, em cada viralização, marcadas pela (a-)temporalidade do imediato, do instantâneo, atravessando a temporalidade da significação: um ritmo temporal entre o dizer e o silêncio, uma relação (batimento) entre o dizer e o não-dizer (ORLANDI, 2012b).

Este movimento ritmado que nos leva a colocar uma relação entre a linguagem e o tempo encontra paralelo no que se exprime em latim, na diferença entre *tempus* (tempo marcado) e *aevum* (*evo*) que é o tempo contínuo. A definição do tempo medieval é *numerus motus secundum prius et posterius* isto é o número do movimento segundo o que vem antes e depois (*medioevo*: “*evo*” do meio, Idade Média). Assim se apresenta a relação entre palavra e silêncio: a palavra se imprime no contínuo significante e ela o marca, o segmenta, e o divide em sentidos discretos, constituindo um tempo (*tempus*) no movimento

---

<sup>5</sup> Tradução de Dias (2015c), no artigo *Análise do discurso digital: sobre o arquivo e a constituição do corpus*. Tradução livre de: “‘Ça circule’, comme on a pris l’habitude de dire, en faisant de cette circulation l’image positive de notre modernité discursive libérée, ou au contraire la fausse monnaie de langues de vent; les tourbillons fumeux du ‘n’importe quoi’ destinés à occuper l’attention, en la détournant des ‘problèmes réels’”. Disponível em: [file:///C:/Users/Lucimara/Downloads/1030-2902-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Lucimara/Downloads/1030-2902-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 29 abr. 2019.



contínuo (*aevum*) dos sentidos em silêncio (ORLANDI, 2012b, p. 128-129, *grifos da autora*).

Embora Orlandi (2012b) estivesse se referindo a uma temporalidade do dizer em que os sentidos têm uma relação com o silêncio, podemos deslocar essa discussão ao pensar a (a)temporalidade do dizer no *Twitter*, uma vez que é essa temporalidade da circulação que organiza o funcionamento discursivo, na rede, indo bem além da organização digital em algoritmos. A circulação, assim, faz surgir uma teia onde vários fios já estão tecidos, mas podem ser reordenados, desarranjados e deslocados, repetindo, replicando e/ou rompendo o que foi discursivizado em outro tempo e lugar, marcando, assim, o caráter heterogêneo do dizer na rede e da própria constituição do sujeito.

As figuras 1 e 2 são *retweets* de um vídeo americano no qual uma suposta apresentadora, na rua, pede aos sujeitos que aparecem na gravação para apontarem localizações de outros países e continentes. Todos os sujeitos do vídeo demonstram, por suas respostas, não terem domínio sobre as informações geográficas questionadas pela suposta apresentadora.

Figura 1



Fonte: *tweet* recortado da *timeline* pela busca #reformadoensinomedio  
Disponível em: <https://twitter.com/jowllyan/status/1081061812299333632>. Acesso em: 18 dez. 2020

Figura 2



Fonte: Fonte: *tweet* recortado da *timeline* pela busca #reformadoensinomedio  
Disponível em: <https://twitter.com/sxntox/status/1018213015676702721>. Acesso em: 18 dez. 2020

A temporalidade cronológica dos dois *tweets* aponta para a possibilidade de atualização de dizeres na rede, desde que estejam arquivados na/pela memória metálica e sejam atualizados pela memória discursiva. Vale lembrar que, embora haja uma ilusão de que tudo pode ser arquivado na rede, muitos dos *tweets* saem de circulação nesse espaço por diversos motivos, dentre eles, a exclusão da conta pelos sujeitos ou devido ao fato do conteúdo do *tweet* ser impróprio às regras de funcionamento da plataforma.

O primeiro *tweet* (figura 1) marca a data de 04 de janeiro de 2018. Já o segundo (figura 2) marca o dia 14 de janeiro como a data da postagem. Pela dinâmica da rede, o vídeo, que ainda estava disponível foi *retweetado* por sujeitos que se inscrevem na rede, relocando-o em outro espaço do dizer. Isso nos permite pensar que, embora haja uma rapidez significativa na circulação das postagens, os conceitos de “novo” e “velho” são relativos na ferramenta, já que um mesmo vídeo, imagem ou dizer, pode ser (re-)atualizado, provocando uma dispersão temporal e um efeito de novidade marcado pelo “agora”.

Considerando que na circulação de um *tweet* na rede, há mais do que um simples processo de relações sociais entre *twitteiros*, uma vez que essa propagação implica, a nosso ver,



“processos de identificação dos sujeitos, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade” (ORLANDI, 2012c, p. 21), o sujeito tem “liberdade” para editar o *tweet* que (re-)produz e que coloca em circulação. Sendo assim, o *Twitter* é um espaço propício para a (re-)criação e propagação de dizeres, seja pela dinâmica rápida de circulação das postagens ou pela possibilidade de autonomia, ainda que ilusória, que o *twitteiro* exerce para (re-)criar *tweets*.

Nas formulações dos *tweets* presentes na figura 1 e figura 2, o sujeito que se inscreve na conta da rede, pelo seu poder de “autonomia” de (re-)criar discursos nesse espaço, “recorta” o vídeo americano e o replica, inscrevendo-o em um outro lugar: um espaço de discussão acerca da educação brasileira.

Mais precisamente, tais formulações fazem menção à Reforma do Ensino Médio e que descreveremos adiante, considerando condições de produção de nossa materialidade analítica.

A Lei 13.415 foi sancionada em 2017, pelo ex presidente Michel Temer e desde 2013, quando o Projeto de Lei 6840/2013 foi apresentado por uma Comissão Especial da Comissão de Educação da Câmara dos Deputados, vem gerando questionamentos. Essa lei, decorrente da medida provisória MP 746/2016, tem sido objeto de polêmica, o que provocou inúmeras ocupações de escolas públicas do país por parte dos alunos nelas matriculados e críticas dirigidas tanto à forma quanto ao conteúdo da política educacional proposta.

Pensando pelo viés discursivo, os *retweets* do vídeo americano, ao se inscreverem na FD da educação brasileira, abrem para o jogo entre paráfrase e polissemia. O primeiro *tweet* (figura 1) editado com as formulações “o ensino americano eh maravilhoso”, “a reforma do ensino médio é baseada no estilo americano e lá tudo eh perfeito” e “meu deus tudo nos EUA eh amazing” faz ecoar o imaginário em torno da educação formal americana, produzindo o efeito de ironia acerca do imaginário<sup>6</sup> sobre a educação formal americana.

Orlandi (2012d), em seu texto *Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia*, ao pensar a ironia como um tipo de discurso, primeiramente tece considerações acerca dele a partir de vários vieses, dentre eles, da Retórica, que a toma como figura de pensamento. A ironia é definida, por esta vertente teórica, “como a expressão de uma coisa (séria) mediante palavras que significam o contrário (o jogo)” (ORLANDI, 2012d,

---

<sup>6</sup> Ao mencionar o imaginário, estamos nos referindo às formações imaginárias postuladas por Pêcheux (1997a), conforme as posições-sujeito no discurso, visto que, nesse processo, entram em jogo, constitutivamente, as imagens recíprocas que os sujeitos fazem de si e das práticas de que são parte. De acordo com o autor, no discurso funcionam uma série de formações imaginárias que determinam o lugar que “A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro, bem como do objeto do discurso.” (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

p. 11). Mais adiante, ao pensar a ironia discursivamente, a autora salienta que não se trata apenas de um mero jogo de oposição, ou seja, de dizer o contrário do que se pensa, pois, a diferença vai além e significa multiplamente.

Ao tomarmos a ironia como tipo de discurso, nas palavras de Orlandi, negamos que ela seja um desvio, no sentido de oposição, simplesmente. Para a autora, seria “o próprio lugar do estabelecimento de um processo de significação que chamamos irônico. Esse lugar incorpora a menção ecoica que mostra, com sua forma própria e específica, a relação entre o mesmo e o diferente, o fixado e o possível” (ORLANDI, 2012d, p. 26).

Pensada como tipologia discursiva, ironia não é desvio – oposição –, nem “um sentido a mais”, como é abordada em outros estudos e teorias. Para Orlandi (2012d, p. 39), “é um sentido diferente que se instaura porque as condições de significação do discurso irônico são diferentes de outros tipos, de outros funcionamentos do discurso”.

Considerar o efeito de sentido de ironia, na figura 1, implica observá-la não como desvio – oposição –, mas como um funcionamento discursivo, em que a produção e a apreensão são histórica e socialmente determinadas (ORLANDI, 2012d). Além disso, os efeitos da ironia não são iguais e variam segundo aqueles que a praticam, seus lugares sociais e as posições que ocupam no discurso. Para nós, na figura 1, as formulações produzem o efeito de sentido de ironia, já que “afirma o diferente (a polissemia) jogando sobre o mesmo (a paráfrase)” (ORLANDI, 2012d, p. 39), abrindo “brechas” para a incompletude da linguagem e para a ilusão do “único”, de que o dizer acerca do que seja a educação americana só pode ser este e não outro.

No segundo *tweet* (figura 2), o usuário da conta “recorta” o vídeo americano, postando-o em sua *Timeline*, com a legenda “com a reforma do ensino médio cenas como essas serão comuns”. O deslocamento do vídeo e a inscrição deste em outro espaço do dizer – lugar de discussões sobre a Reforma do Ensino Médio – desvencilha-o de suas condições de produção: um vídeo produzido em um espaço público (rua), supostamente com a escolha aleatória de sujeitos para sua participação, a ausência de informações sobre a escolaridade dos sujeitos americanos que no vídeo aparecem, entre outras. Cabe lembrar que “a maneira como a memória ‘aciona’ e faz valer as condições de produção é fundamental” (ORLANDI, 2012a, p. 30). É porque existe uma memória em funcionamento que os sentidos significam. Mas é, também, pelo apagamento dessa memória que eles são estabilizados.

Na figura 2, há uma (re-)atualização dos ditos/vistos que circulam no vídeo, já que ele passa de um domínio de saber para o outro e, nesse caso, para o espaço de discussão sobre a educação brasileira. A repetição do mesmo abre para o diferente, pela própria circulação da rede em que funcionam, como dissemos, a memória da máquina e a memória discursiva, isto é, a memória digital, conforme Dias (2018).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Discursivamente, pensar a (a)temporalidade no *Twitter* não se trata de um funcionamento temporal que faz circular informações, mas de discursos na/em rede que, por sua vez, produzem e colocam em movimento uma infinidade de sentidos *on-line* e *off-line*.

Assim, considerar um funcionamento (a)temporal no *Twitter* imbricado em tempos cronológico, psicológico, ucrônico, além do mover específico da própria rede, requer considerar a maneira como os discursos circulam nesta rede, uma vez que, uma das características da circulação de dizeres no *Twitter* é o dizer curto, marcado por um número específico de caracteres. Além disso, é importante frisar a rapidez nas trocas de formulações que são (re)atualizadas em um período cronológico de tempo cada vez que é *retweetada*.

O *Twitter* funciona como uma espécie de “relógio” estruturado em uma ordem cronológica inversa, na qual a temporalidade do *on-line* se inscreve na própria língua: o instante de um *tweet*, de um *retweet*, da “visitação” de um perfil a outro e da velocidade da própria navegação, faz-se conhecer, no *microblog*, pelo próprio modo de dizer, curto e rápido.

O registro de tempo cronológico nos *tweets* marcando não só o dia em que eles foram postados, como há quanto tempo isso ocorreu, reforça o efeito da quão distante do “agora” determinada postagem está. No entanto, pelo trabalho da memória metálica, um mesmo *tweet* pode ser atualizado na *timeline* de um sujeito, por *retweets*, (re-)criando, (re-)organizando o efeito de “agora”, uma vez que o que era “velho”, passa a ser “novo”, não só pelo funcionamento da rede, mas, também da memória discursiva.

Portanto, essa memória metálica que permite produzir o efeito de “agora”, dissimula o tempo cronológico tornando-o atemporal, fazendo com que a memória discursiva se dê como a repetição do já-dito enquanto dizer, como se o dizer tivesse que ser dito sempre e constantemente.

Isso faz-nos pensar que a (a-)temporalidade dos dizeres do/no *Twitter* abre espaço para a produção de sentidos diversos que são constituídos na própria circulação que, por sua vez, não se trata de um “não importa o quê” (PÊCHEUX, 1981), mas o que sustenta a formulação dos dizeres na rede (DIAS, 2018). Sendo assim, o que faz um *tweet* significar de dada maneira e não de outra é a própria circulação que traça (per)cursos, permitindo que a materialidade linguística se torne “exposta” ao jogo e à falha, produzidos pela história e pelo modo de circulação dos discursos.

## REFERÊNCIAS

ARAUJO, Maria Celina Soares. **Capital Social**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. Tradução de Paula Monteiro. São Paulo. Editora: Edusp, 1996.

COUCHOT, Edmond. Reinventar o tempo na era do digital. **Revista Eletrônica Interin**, v. 1, 2007. Disponível em: <https://seer.utp.br/index.php/i/article/view/49>. Acesso em: 30 abr. 2019.

DIAS, Cristiane. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

MOREIRA Vivian Lemes; ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O funcionamento discursivo das nuvens de tags na rede eletrônica: sentidos sobre Capitolina. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 10, 2009.

ORLANDI, Eni. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. **Web revista Discursividade** [online]. n. 09 – Jan./2012 Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. 2012a. Disponível em: <http://discursividade.cepad.net.br/EDICOES/09/Arquivos/eniorlandi.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2019.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**: Sujeito, Sentido e Ideologia. Campinas, SP: Pontes, 2012b.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 10 ed. Campinas, SP: Pontes, 2012c.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Destruição e construção do sentido: um estudo da ironia. **Web revista Discursividade** [online]. n. 09 – Jan./2012 Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. 2012d. Disponível em: <http://discursividade.cepad.net.br/EDICOES/09/Arquivos/eniorlandi.pdf>. Acesso em: 28 Jan. 2021.

PÊCHEUX, Michel. Ouverture du colloque. In: CONEIN, Bernard et al. (Org.) **Matérialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981. p. 15-18.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK. T. (orgs.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. Finitude, Mutações e Gozo. **Ciência e Cultura**, v.54, n. 2, p. 24- 26, São Paulo, Outubro/Dezembro de 2002.



RUIZ, Osvaldo López. Manuel Castells e a “era da informação”. **Jornal Com-Ciência**, 2002. Disponível em: <http://www.comciencia.br/reportagens/internet/net16.htm>. Acesso em: 27 ago. 2018.

TWITTER, Site Oficial. **Recursos da marca**. 2019. Disponível em: <https://about.twitter.com/pt/company/brand-resources.html>. Acesso em: 25 abr. 2019.

\* Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Pós-doutoranda junto ao Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade (NUDECRI), pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: [lucimaracristinacastro@gmail.com](mailto:lucimaracristinacastro@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5501-7369>.